

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Celzeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa			
Anno..... 48000		PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA			
Semestre..... 24000		Anno..... 85000	Trimestre..... 28000		
Trimestre..... 12000		Semestre..... 45000	Mez (em Lisboa)..... 700		

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: O NOVO PATRIARCHA D. ANTONIO MENDES BELLO, LANÇANDO A BENÇÃO (cliché de Benoitel)
 Texto: ICONOGRAPHIA DO ATTENTADO, 3 illustr. O ATTENTADO REAL NA HISTORIA PORTUGUEZA, 12
 illustr. FIGURAS E FACTOS, 5 illustr. A POSSE DO NOVO PATRIARCHA DE LISBOA, 10 illustr.
 LETTRAS, 3 illustr. THEATRO, 6 illustr. VERSOS DE TANGER, 11 illustr. COMO NÓS VENCEMOS
 NO CUAMATO, 17 illustr.

L'Epil'vite **CREMA EPILATORIA** pronta a ser empregada. Resultado garantido.

L'Epil'vite Agradavelmente perfumada, dissolve instantaneamente as pennugens desagradadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pele a mais delicada. e

M. A. GRAZIANI, Phar^o de 1^a classe, 63 Rue Rambuteau, Paris, Agentes para Portugal: **CURIEL & DELIGANT**, 19, R. do Aro e Jesus, Lisboa.



Nestlé Farinha lactea

PREÇO 400 RÉIS

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronologia e physionomia e pelas applicações practicas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambröze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

chronologia e physionomia e pelas applicações practicas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambröze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja—LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepcionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogos.

J. CASTELLO BRANCO

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 LISBOA

ALIMENTO DELICIOSO!
BANANINE MIALHE
Farinha de Bananas esterilizada chocolateada e phosphatada
Recomendada aos estomagos delicados
CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS
Farmacia del D^o MIALHE,
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
8, rue Favart, PARIS

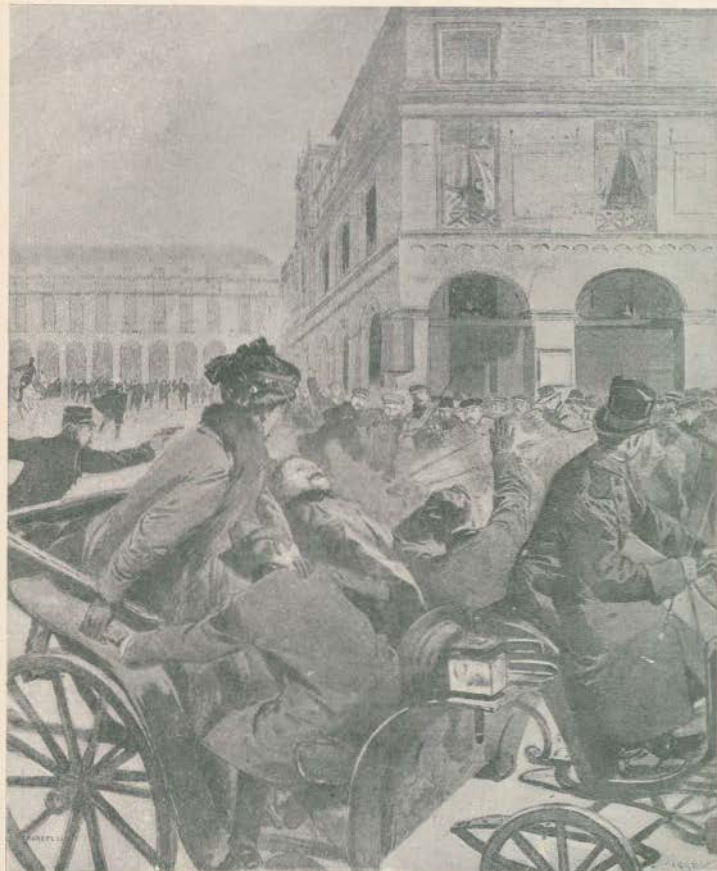
AS GOTTAS CONCENTRADAS de
FERRO BRAVAIS
É o mais efficaz remedio contra **ANEMIA**
CHLOROSE, CORES PALIDAS
Sem cheiro nem sabor: o Ferro Bravaís é
recomendado por todos os medicos do mundo.
Não constipa o ventre. Não mancha
a roupa e os dentes — Não perturba
SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELEZA
Disponivel nas farmacias.
24 de cada em dextros e em Filulas.
Sua Farmacia em Brazil. — Brasil: 130, Rue Lafayette, PARIS.

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

ICONOGRAPHIA DO ATTENTADO



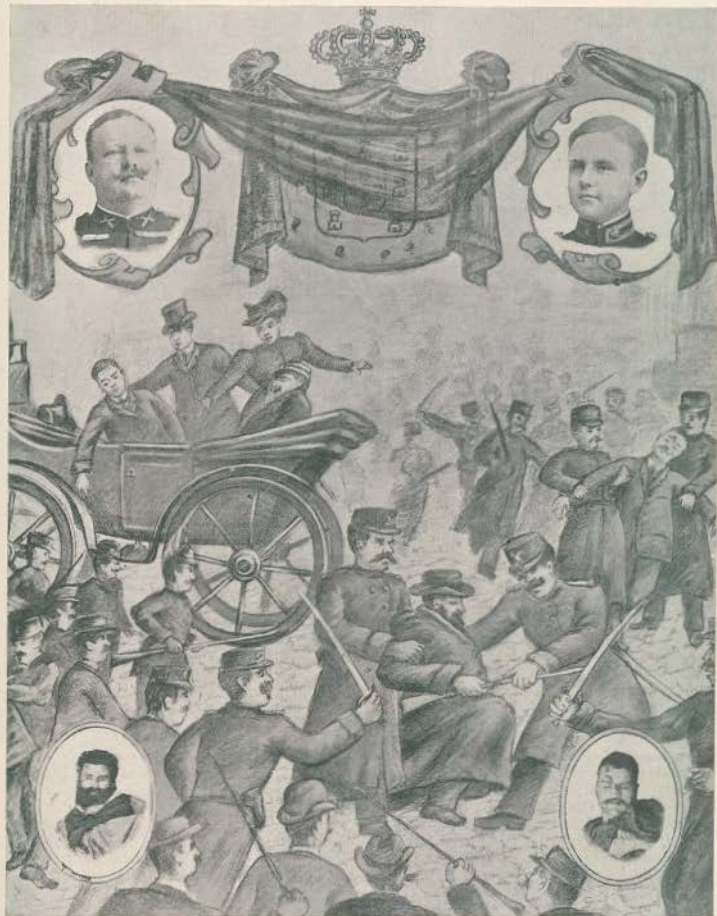
O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO DE SARRE, A CORES. NO SUPPLÉMENT LITTÉRAIRE ILLUSTRÉ DO «PETIT PARISIEN»
DE 16 DE JANEIRO



O atentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO DE J. MATANIA PUBLICADA NO JORNAL «THE SPHERE»
DE 15 DE FEVEREIRO



O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO ANONYMA PUBLICADA EM UMA FOLHA VOLANTE, DE QUE SE FIZERAM DUAS EDIÇÕES, E QUE FOI REPRODUZIDA TAMBEM EM UM BILHETE POSTAL

COM as tres que apparecem no presente numero attinge ja o numero de dezaete a serie, publicada na *Illustração Portuguesa*, das reproduções de desenhos avulsos ou insertos em jornaes illustrados nacionaes e estrangeiros com a reconstituição, mais ou menos fidedigna, do attentado de 1 de fevereiro. Aproveitámos, sem fazer qualquer exclusão, sem attender sequer ao valor artistico absolutamente nullo de alguns, to-

dos os documentos do genero que chegaram ao nosso conhecimento, obedecendo simplesmente a um criterio de colleccionação imparcial. E' possivel que alguma especie, menos vulgarisada, tenha escapado até agora ás nossas pesquisas, mas não deixaremos, quando isso tenha por ventura acontecido, de remediar a omissão desde que d'ella obtenhamos noticia e communicação.

O Attentado Real na Historia Portugueza

O ASSASSINIO DO DUQUE DE VIZEU
VARIAS CONSPIRAÇÕES
UMA SCENA CONTADA POR GARCIA
DE REZENDE A VINGANÇA DE
D. JOÃO II

(Continuação)

No dia 23 de agosto D. João II mandou chamar o cunhado a Palmella, onde elle se acolhera, em casa da infanta D. Beatriz, sua mãe. D. Diogo aterrou-se naturalmente, mas recebeu ainda mais dar azo, com a desobediencia, a qual quer violencia. Veiu e o rei recebeu-o na guarda-roupa, onde estava acompanhado, casualmente ou de proposito, pelo alcaide-mór de Moura D. Pedro d'Eça, Diogo da Azambuja e Lopo Mendes do Rio. Os dois arredaram-se de parte. Duramente, em poucas palavras irritadas, o soberano lançou em rosto ao duque de Vizeu a sua falsidade e ingratião. O outro ouvia-o apavorado, silencioso. E arrancando rapido o proprio punhal, D. João II estendeu-o morto aos pés. Foi, singeleza, horripilante, uma tragedia shakespereana, quando se pensa em que esse rei, cioso do seu poder e orgulhoso da sua gloria, era um espirito de elevada superioridade em relação ao seu tempo, e que elle amava e estimava com evidentes disvellos a rainha D. Leonor, sua esposa e irmã do infeliz mancebo que tão cruelmente immolara, pelas suas mãos, á razão de Estado.

Immediatamente, deixando o cadaver abandonado na guarda-roupa, D. João II occupou-se em dar ordens pressurosas para a prisão de todos os outros conspiradores. Foram fechadas todas as portas da villa, os soldados foram postos de guarda a todos os caminhos. D. Manuel, o outro cunhado do rei, foi chamado de prompto, e chegou, aterrado, succumbido, enquanto a rainha, irmã dos dois, chorava compungidamente, clausurada na sua camara. O soberano mostrou-lhe o corpo ensanguentado, explicou-lhe, torva mas serenamente, porque mo-



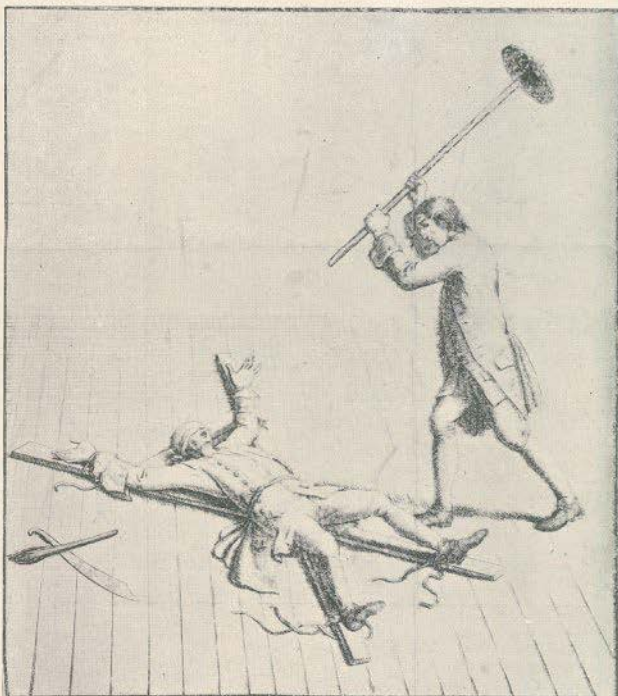
RETRATO DE D. PEDRO II

tivo matára D. Diogo, mas que «o amava como a proprio filho, para prova do qual lhe dizia que, se o principe seu filho fallecesse, e elle não tivesse outro filho legitimo que o succedesse, que d'aquella hora para então o havia por seu filho e herdeiro de todos seus reinos e senhorios.» D. Manuel, que a dôr e o espanto impediam de articular palavra, ajoelhou, beijando a mão do assassino, em que talvez os seus olhos espavoridos aperceberiam ainda alguma mancha do sangue fraterno. Nenhum dos dois tinha n'essa hora a prescencia do futuro, decerto. Mas as palavras de D. João II eram verdadeiramente propheticas.

O cadaver do duque de Vizeu foi levado, em seguida, para a igreja principal da villa, onde esteve exposto sobre um catafalco forrado de panno negro, sendo depois enterrado de tarde. O que succedeu aos outros implicados na conjuração refere-se assim resumidamente:

«Como sempre, a justiça de D. João II degenerou em vingança: D. Garcia de Menezes, bispo de Évora, foi levado a Palmella, e, como o seu caracter sagrado não permittia que se lhe tocasse na cabeça unvida com os santos oleos, foi mettido n'uma masmorra subterranea e humida - uma cisterna, diz Ruy de Pina, onde a poucos dias

do de Menezes, que mostrára uma grande altivez, foi processado, decapitado e esquartejado. O mesmo aconteceu a D. Pedro de Athayde, que, fugindo de Setubal para Santarem, foi preso no caminho. Seu pae, Alvaro de Athayde, que ficára em Santarem, segundo o plano dos conjurados, para, logo que el-rei morresse, se apoderar da pessoa



Destz sorte morreram jusucados Joze Mascarambas q' foy Duque de Aveiro, e Francisco De Assis de Saura que foy Marquez destz Titulo

(Reprodução de uma gravura do tempo)

e dizem que com peçonha acabou sua vida», D. Guterres Coutinho, que el-rei promettera a seu irmão D. Vasco deixar com vida, foi preso na torre de Aviz, onde morreu pouco depois mysteriosamente, não de morte natural, mas artificial, segundo a expressão de Ruy de Pina. D. Fernan-

da Excelente Senhora, recebendo aviso a tempo, fugiu para Castella e conseguiu salvar-se. Fernão da Silveira esteve muito tempo escondido em Setubal n'uma cova, seguro, graças á fidelidade de um creado antigo, que o não obrigaram a trahir nem promessas de mercês, nem ameaças de castigo. Afinal fugiu para Castella;

mas D. João II fez da sua extradição um negocio diplomatico; o pobre Fernão da Silveira teve de se asylar em Avinhão, na França, e lá mesmo o foi perseguir a vingança implacavel e incansavel do rei de Portugal. Um emigrado, a quem Ruy de Pina chama o conde de Palhais Catalam, comprado por D. João II, assassinou no dia 8 de dezembro de 1489 o desgraçado Fernão da Silveira; é verdade que o rei de França, indignado com esta violação da hospitalidade, puniu severamente o conde; mas a vingança

verdade, a historia imparcial não abona inteiramente. D. João IV, apesar de toda a lenda corrente e accete sem discussão, parece ter sido, na realidade, o verdadeiro artifice dissimulado d'essa famosa revolução de 1640. Não é esse o ponto que, n'este momento, nos interessa, porém. Tinha qualidades, que lhe não tem sido reconhecidas, esse Bragança, fundador da dynastia, e manifestou-as bem na habil consolidação do seu throno e da independencia nacional, quando desistiu de todo de negociar com

o governo de Castella, como parece ter tentado.

Depois do ardor, que todos manifestaram no primeiro momento, sobrevieram receios sobre o resultado final da aventura do primeiro de dezembro e irromperam invejas, despeitos e intrigas, que o ministro hespanhol Olivares se esforçou por aproveitar. D. Sebastião de Mattos Noronha, arcebispo de Braga, que fôra ministro da duquesa de Mantua, conservára-se partidario da dominação estrangeira, apesar de ter feito parte do governo provisório. Começou a preparar uma contra-revolução, associando-se para isso com o marquez



RETRATO DE D. JOSÉ
(Reprodução de uma photographia do tempo)

de Villa Real, D. Luiz de Menezes. Conquistaram ambos a adhesão de outros fidalgos, dos capitães Diogo de Brito Nabo e Belchior Correia de França e do opulento mercador Pedro de Baeça. Mas procederam com tanta indiscreção que o plano da conjura, que consistia em deitar fogo, no dia 5 de agosto de 1641, aos quatro cantos do paço da Ribeira, e aproveitando a confusão matar o rei e deter a rainha e os infantes, proclamando depois Filippe IV, foi conhecido a tempo por varias denuncias. A consequencia foi serem presos, de surpresa, todos os conspiradores, no domingo 28 de julho, e conduzidos a varios castellos e fortalezas onde esperaram o julgamento.

do nosso monarcha estava satisfeita. Restavam os dois irmãos Pero de Albuquerque e Lopo, conde de Penamacôr. Tiveram sorte diversa; Pero de Albuquerque foi preso, condemnado á morte e executado; o conde de Penamacôr sahio do reino, e andou, por toda a Europa, creando inimigos a D. João II, e levando de côrte para côrte o seu odio inextinguivel, que, transpondo os limites desculpaveis, como sempre succede nas más paixões, o levou até a conspirar contra a sua patria, pois que na Inglaterra aconselhou elle mercadores britannicos a prepararem navios com que fossem á Guiné, o que não se effectuou graças ás reclamações energicas, dirigidas por D. João II ao governo inglez.

TENTATIVAS CONTRA D. JOÃO IV. O ARCEBISPO DE BRAGA CONSPIRADOR. O IMMERECIDO SACRIFICIO DO DUQUE DE CAMINHA. DOMINGOS LEITE. UM ROMANCE DE CAMILLO

Foi uma conjuração da nobreza, como se sabe, que derrubou o dominio hespanhol em Portugal, ao cabo dos chamados sessenta annos de ominosa tyrannia, que a rethorica patriótica ainda não acabou de explorar em amplificações, que, valha a





ATTENTADO CONTRA A VIDA D'EL-REI
D. JOSÉ

*Reprodução de uma aguarella
executada para a reedição da Historia
de Portugal de Pinheiro Chagas*

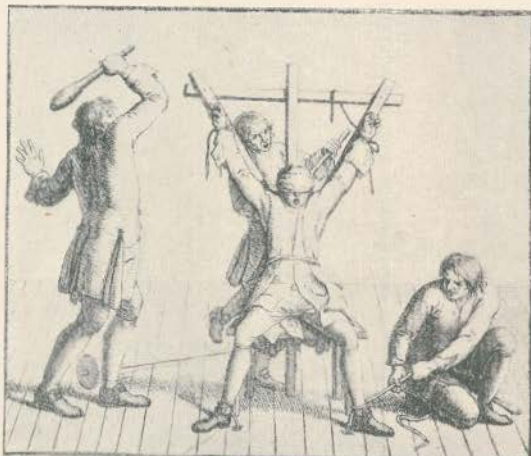
No dia 28 de agosto foram executados, no Rocio, por esta ordem: o Marquez de Villa Real, que appareceu vestido com um capuz escuro e trazendo os dedos pollegares das mãos enlaçados, atados com fitas pretas, seu filho o duque de Caminha, o conde de Armamar, que era sobrinho do arcebispo, e D. Agostinho Manuel; e foram enforcados e esquartejados, depois de terem sido arrastados, atados com capitães, o mercador Baeça e o escrivão da Tovola de Setubal, Manuel Valente. Os cadaveres foram depois conduzidos, na tumba da Mizericordia, ao cemiterio.

O joven duque de Caminha, casado de pouco, não tivera nenhuma parte na conspiração, e até se recusára teozamente a entrar n'ella; o seu unico crime, o delicto por que o condemnaram, foi o de não ter denunciado o pae. A esposa, nova e formosa, toda coberta de luto e de lagrimas, acompanhada pela mãe desolada, a condessa de Faro, foi rojar-se aos pés de D. João IV, impetrando em vão o perdão do innocente; ao arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, que fez o mesmo pedido á rainha, respondeu a dura D. Luiza de Guzman que o mais que podia conceder-lhe era o não revelar que elle fizera tal supplica. Não se commenta tão revoltante crueldade.

O arcebispo de Braga morreu na torre de S. Julião. Todos os demais cumplices foram severamente castigados. A dureza da justiça de D. João IV impressionou por tal fórma o rei de Castella, que se conta ter exclamado: «Agora sim, agora é que o duque de Bragança se fez rei!»

Não nos feriremos aqui

aos episodios da accusação e morte do secretario de Estado Francisco de Lucena e do duello de D. João IV com o escriptor D. Francisco Manuel de Mello. O primeiro, principalmente, é bastante conhecido pela composição do *Romanceiro* de Ignacio Pizarro, e tanto um como outro não entram propriamente na categoria dos factos de que este artigo se occupa. Temo., porém, de registar ainda outra tentativa contra a vida do fundador da dynastia brigantina, realisada em 1646, pelo escrivão Domingos Leite, que se diz ter sido subornado pelos agentes de D. Luiz de Haro.



Desta sorte morreram justicados Luis Bernado de Savora q' foy Marquez deste Reino, e Jeronimo de Arade q' foy Conde de Alouguia, Braz Jose Romero, João Riquel, e Manoel Alvaris.

(Reprodução de uma gravura do tempo)

O assassinio do rei devia realizar-se no dia da procissão do Corpo de Deus, á sua passagem pela rua dos Torneiros. Domingos Leite alugára n'aquella viella estreita algumas casas contiguas e abriu nas paredes interiores communicações entre umas e outras e nas paredes que deitavam para a rua frestas por onde pudesse apontar uma espingarda. Tinha preparado varias, carregadas com balas hervadas, afim de poder repetir as tentativas, aproveitando a correnteza das frestas enquanto lhe falhassem os tiros. Por qualquer motivo, sendo o mais provavel tel-o acommettido o receio no ultimo momen-



RETRATO DE D. MARIA I. POR RICHEV, GRAVURA DE GASPAR FROES

to, semelhante plano não foi, porém, executado, e o seu auctor fugiu para Madrid. Ahí, naturalmente, incitaram-no com maiores promessas, e Domingos Leite voltou para Portugal na disposição de dar cumprimento ao seu desígnio. Denunciou-o então o seu companheiro Roque da Cunha e foi preso e suppliciado. No sitio da rua dos Torneiros a piedade do rei, depois de ter cevado a sua vingança com barbaro requinte, mandou construir um convento de carmelitas descalços.

Este episodio serviu de thema para um magnifico romance de Camillo Castello Branco *O Regicida*, em que a imaginação do grande escriptor afabulou até certo ponto os factos, mas, em que apurou também, n'uma serie de notas da sua costumada e valiosa erudição, varios pormenores historicos referentes ao caso.

D. PEDRO II UMA CONJURAÇÃO PARA REPÔR D. AEFONSO VI NO THRONO
OS ATTENTADOS CONTRA D. JOSÉ
O SUPPLICIO DOS TAVORAS A FEROCIDADE DO MARQUEZ DE POMBAL

Haverá poucas paginas tão vergonhosas na nossa historia como a da deposição de Afonso VI, esse drama odioso de um irmão que des-

poja outro da corôa e da mulher. Ainda depois de deportado para Angra parece que não deixaram de restar alguns partidarios ao pobre rei desthronado, e foram esses que, com o auxilio do embaixador de Hespanha em Lisboa, prepararam uma conspiração contra o infante regente. O plano era simples. Em 1673, quando D. Pedro foi para os banhos das Caldas, tramavam matar o ali, bem como á esposa e á filha, creança então apenas de quatro annos de idade. Uma esquadra hespanhola, de 14 navios, que viera fundear em Cascaes, iria em seguida á ilha Terceira raptar D. Afonso VI para o restabelecer no throno. A conjura foi, porém, descoberta, e a maioria dos cumplices presos e executados. Entre os que pagaram com a cabeça figuraram o famoso secretario de Estado Antonio Cavide e D. Francisco de Mendonça.

O attentado dos Tavoras contra D. José é bastante conhecido, mas é-o menos outro realiado, onze annos depois, em Villa Viçosa. Foi no dia 3 de dezembro de 1769, em um domingo. O rei saía do paço para ir caçar á Tapada. Quando transpunha a cavallo a porta do Nô surgiu-lhe á frente um homem mal vestido e armado com um gran-



O TUMULO DE ANTONIO DE CAVIDE, EXISTENTE NA EGREJA DA PENHA DE FRANÇA

de varapau, que lhe assestou uma tre-



UM RETRATO DE D. JOÃO VI, DESENHO DE SEQUEIRA

ção, e que o marquez de Pombal conseguiu haver ás mãos, foram presos para o pateo dos Bichos e na manhã de 13 de janeiro de 1750 subiram ao patibulo armado em Belem, e de que escorre tragicamente um rio de sangueira sobre a historia. Ninguem pode ter esquecido as barbaras crueldades do supplicio dos Tavoras, que confrangem de horror e de piedade. Não queremos, contudo, deixar de engastar aqui a pagina em que Camillo descreve a execução da velha e nobre marqueza de Tavora D. Leonor:

«Havia uma escada que subia para o patibulo. A marqueza apeou da cadeirinha, dispensando o amparo dos padres. Ajoelhou no primeiro degrau da escada, e confessou-se por espaço de 50 minutos. Entretanto martellava-se no cadafalso. Aperfeiçoavam-se as aspas, cravavam-se pregos necessarios á seguração dos postes, aparafusavam-se as roscas das rodas. Recebida a absolvição, a padecente subiu entre os dois padres, a escada, na sua natural attitude altiva, direita, com os olhos fitos no espectáculo dos tormentos. Trajava de setim escuro, fitas nas madeixas grisalhas, diamantes nas orelhas e n'um laço dos cabellos, envolta em

menda pancada á cabeça. D. José fez erguer o cavallo, e foi o que lhe valeu. Ficou apenas contundido na mão de redea, e uma segunda pancada, que o aggressor ainda teve tempo de dirigir-lhe, attingiu só o cavallo. Os da comitiva, que acudiram, foram, por sua vez, mais gravemente espancados. Mas conseguiram por fim prender e amarrar o energumeno, que era um tal João de Sousa, do Fundão. Acabou, Deus sabe como, no forte da Junqueira. Os parentes, que foram tambem presos, e sujeitos á tortura, nada revelaram, naturalmente porque nada teriam que dizer.

A historia dos tiros dados ou mandados dar pelos Tavoras contra a carruagem de D. José é, como já dissemos, largamente conhecida, e seria, por isso, ocioso reproduzi-la aqui. Os que se acharam envolvidos, com mais ou menos motivo, n'essa conspira-



D. PEDRO IV, LITOGRAFIA DE SENDIM (1830)







uma capa alvadia roçagante. Assim



RETRATO DE D. MARIA II

— disse ella, e inclinou a cabeça que lhe foi decepada pela nuca, de um só golpe. —
Arripia, e desperta fremitos de invencivel indignação contra o carrasco despediado que aeventou e ordenou que se infligisse a uma mulher tão descarroavel tortura.

tinha sido presa, um mez antes. Nunca lhe tinham consentido que mudasse de camisa nem o lenço do pescoço. Receberam-a tres algozes no topo da escada, e mandaram-a fazer um giro no cadafalso para ser bem vista e reconhecida. Depois mostraram-lhe um a um os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miudo como haviam de morrer seu marido, seus filhos, e o marido de sua filha. Mostraram-lhe o maço de ferro que devia matar-lhe o marido a pancadas na arca do peito, as tesouras ou aspas em que se lhe haviam de quebrar os ossos das pernas e dos braços ao marido e aos filhos, e explicaram-lhe como era que as rodas operavam no garrote, cuja corda lhe mostravam, e o modo como ella repuchava e estrangulava ao desandar do arrocho. A marqueza então succumbiu, chorou muito anciada, e pediu que a matassem depressa. O algoz tirou-lhe a capa, e mandou-a sentar n'um banco de pinho, no centro do cadafalso, sobre a capa que dobrou de vagar, horrendamente de vagar. Ella sentou-se. Tinha as mãos amarradas, e não podia compôr o vestido que caira mal. Ergueu-se, e com um movimento do pé concertou a orla da saia. O algoz vendou-a; e ao pôr-lhe a mão no lenço que lhe cobria o pescoço — não me descomponhas

UMA RAINHA LOUCA E UM JESUITA DOIDO  D. JOÃO VI  OS DOIS IRMÃOS D. MIGUEL E D. PEDRO  D. MARIA II  O INCIDENTE DE PARIS  APE-
DREJAMENTO DE D. FERNANDO  EPISODIOS DO
REINADO DE D. CARLOS

Conta-se que um jesuita chamado Cardoso, e que tinha o appellido de *Cardesal*, tentou matar D. Maria I.



EL-REI D. FERNANDO

O jesuita era doido, accrescenta



se. Como a rainha. Embarcaram-no para Genova, porque a beata filha de D. José de nenhum modo quiz que fosse castigado, attendendo ao seu caracter ecclesiastico.

Era já regente o filho quando Pina Manique inventou uma conspiração, que desfechou, afinal, n'um ridiculo fiasco. No dia da procissão de Corpus Christi, quando o principe se preparava, na igreja de S. Domingos, para acompanhar o prestito, appareceu o intendente esbaforido e alarmado, pedindo-lhe que se retirasse immediatamente para o paço porque, descobrira o trama de um attentado contra a sua pessoa. D. João, que nunca se mostrou de uma grande bravura, não esperou mais explicações, e retirou-se logo sem as dar tambem. Só mais tarde se soube o que occorrera. Depois da procissão passar Manique mandou erguer a calçada e observar os canos das ruas. Não se encontrou nada de suspeito, e todos riram á custa da policia e do susto do regente.

No Brazil parece que chegou a haver um attentado mais authentico contra D. João VI, e qando elle morreu espalhou-se tambem que fôra envenenado com umas laranjas que comera n'uma merenda, mas semelhante versão não está bem averiguada.

A respeito de D. Miguel diz-se egualmente que uma vez, n'um jantar, lhe haviam deitado veneno no copo, e que fôra o visconde de Queluz que lhe fizera um signal para não beber, que o rei vira no espelho que tinha fronteiro. Affirma o sr. Alberto Pimentel, em um dos seus livros, que esta tradição lhe foi confirmada por um velho servidor do palacio de Queluz, explicando-se por este tacto a grande amizade entre o principe e o antigo barbeiro que fez visconde.

Por occasião da guerra, quando D. Miguel passou revista ás tropas que cercavam o Porto, um official de artilharia tinha preparado a sua bateria de maneira a dar fogo na occasião em que visse as plumas brancas do quartel general de D. Miguel fluctuar em determinada direcção. O imperador, que percorria as linhas, recommendou que não dirigissem o fogo para qualquer sitio onde pudessem estar o irmão; mas, apesar d'isso, o tiro foi feito e feriu um soldado que estava a pequena distancia do principe.

No principio do cerco parece ter havido tambem o plano de assassinar D. Pedro. Quando foi lan-

çado fogo ao convento de S. Francisco, onde dormia o batalhão de caçadores 5, que acabava de regressar exaustado da desastrosa acção de Ponte Ferreira, diz-se que as coisas estavam preparadas para o imperador ser morto no caso de acudir ao incendio.

Estava D. Maria em Paris e habitava em um predio da rua de Courcelles, quando, n'uma manhã de novembro de 1831, entrou uma bala pela janella do gabinete de *toilette* da rainha e foi atravessar o cortinado do leito no quarto de cama. Ainda outra bala batera na cornija do edificio. A policia franceza procedeu a investigações sobre o caso. O respectivo processo, que appareceu no espolio de Ferdinand Denis, foi adquirido pelo illustre bibliophilo e distincto escriptor sr. Annibal Fernandes Thomaz. Nada se apurou de positivo, acabando-se por arrumar o negocio, attribuindo ao tiro uma simples origem accidental, embora na casa fronteira da mesma rua morasse coincidentemente um portuguez, que ninguém incommodou.

Em 25 de janeiro de 1837 foi D. Fernando victima de um attentado, cuja narrativa

se encontra nos jornaes da epoca. O rei, que saíra a dar um passeio a cavallo, recolhia, á entrada da noite, ao palacio das Necessidades, quando, ao voltar da rua Direita do Livramento para a calçada, um individuo se atravessou deante do cavallo e lhe lançou a mão ao freio. D. Fernando esporeou o animal, que se empinou e rompeu para a frente. O desconhecido, ficando para traz, arremessou então duas ou tres pedradas contra o principe. Pre-

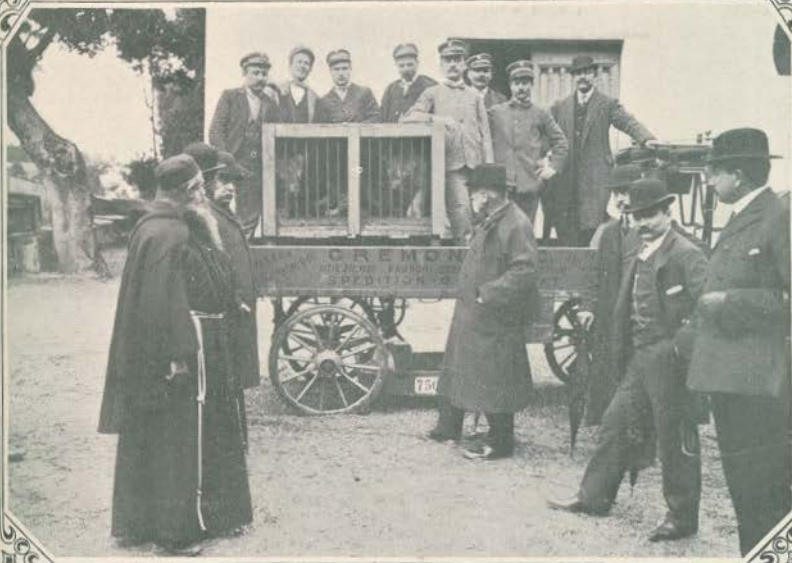
so, foi reconhecido como sendo um estrangeiro que servira na qualidade de official na guerra contra D. Miguel.

Tem-se falado mais de uma vez em uma tentativa, que se diz ter sido feita contra a vida de D. Pedro V. No reinado de D. Luiz não temos, pelo contrario, idéa de qualquer facto ou circumstancia de semelhante genero. Com el-rei D. Carlos occorrem alguns incidentes, que chegaram, pelo menos dois, a ter echo nos jornaes. O mais grave de todos, parece, succedeu uma tarde no Aterro. Nenhum d'esses casos teve consequencias para o soberano e foram considerados actos de loucos. Estava escripto, porém, que o reinado de D. Carlos havia de encerrar-se com o primeiro regicidio da nossa historia.



O ESCUDO DOS TAVORAS, QUE AINDA EXISTE NA SACRISTIA DA IGREJA DA PENHA DE FRANÇA, E QUE ENCAFOU DE SER DESTRUIDO EM 1759

FIGURAS E FACTOS



Grupo dos sargentos do contingente de Angola que embarcou no dia 1 de março:
*Sargentos Mariño, Reynas, Geraldes, Teixeira Lopes, Caciano, Silva, Ernesto Vidal, Freitas, Gouveia,
 Caldas, Motta Lobo, Rocha, Graças, Ribeirinho, Duarte, Robles, Xavier, Menezes, Martins,
 Gama Lobo, Silva, Soares, Cardoso, Afonso, Andrade, Mesquita, Castro Carvalho, Lourenço, Pimenta*
 Um emulo do nosso rei D. Manuel: Chegada ao jardim do Vaticano dos dois leões enviados
 pelo *negus Menelik ao Papa* (CLICHÉ DE CH. ABENIACAR)

A POSSE DO NOVO PATRIARCA DE LISBOA



O patriarca saindo do coche junto à igreja da Magdalena

LISBOA teve, ha dias, occasião de assistir, pelo enjejo da entrada solemne do seu novo patriarcha na Sé, a uma festa religiosa revestida de excepcional solemnidade e brilho, como ha muito lhe não era dado presenciar. O proprio coche vermelho, de especial apparato, que é costume tradicional servir aos chefes da diocese lisbonense nas suas saídas de maior representação, de tão pouco usado que foi durante o tempo do homem simples e modesto que era o cardeal D. José Netto, causou quasi uma impressão de surpresa inesperada, com as suas duas parilhas, de crinas enfeitadas a fitas azues e brancas e enriquecidas de magnificos arreios de prata e com os seus cocheiro, trintanario e creados de taboa, trazendo fardamentos agaloados de vermelho. Depois, a imponente procissão da igreja da Magdalena para a Sé, com o bispo de Lisboa sob o pallio, revestido de amito, alva, singulo, estola e pluvial de setim branco bordado a ouro, e os preciosos diamantes do formallio sobre o peito, precedido pelas cruces, as varas e os citiaes das



*D. Antonio entrando na igreja da Magdalena: ao fundo as basilicas da Sé
—O novo patriarcha depois de paramentado, saindo da igreja da Magdalena, dirigindo-se para a Sé*

irmandades e das ordens, pelas cruces parochiaes das freguezias do patriarchado, pelos priores, coadjutores e parochos, pelos desembargadores da Relação Patriarchal, pelo campanario, pelas famosas basilicas, pelos capellães cantores, pelo cabido,—uma longa theoria ecclesiastica, cujo desfile fecha, atraz do pallio, a representação da casa real e a guarda de honra. Foi um espectáculo pôde dizer-se que novo para a capital, e que longinquamente fez suggerir a muitos a lembrança dos esplendores externos com que em outros tempos a igreja se cercava no nosso paiz.

A travessia de S. Vicente de Fóra para a Magdalena, o prestido d'esta para a Sé, a cerimonia na igreja patriarchal da prestação de obediencia do corpo capitular e do *Te-Deum*, o regresso ao palacio diocesano, a recepção ahí, na sala do throno, todos os passos da jornada d'esse dia, encontram-se descriptos nos jornaes diarios, e por isso seria desnecessario que, n'este ponto, nos alargassemos aqui. Apesar da restricção, que o luto impôz em todos esses actos, não ha duvida de que elles se celebraram com grande relevo de apparato e imponencia. O novo patriarcha tomou posse da sua Sé com todas as manifestações de elevada honra devida á gerarchia do bispo de Lisboa, cujas prerogativas são exceptionaes, e nem sequer faltou uma grande concorrência a assistir, nas rua, ao cortejo procissional, e, nos templos, ás ceremonias religiosas, conduzidos uns pela fé, outros arrastados



Os srs. D. Thomaz de Vilhena, cardeal patriarcha e arcebispo de Mytilene subindo as escadas de S. Vicente — Os srs. marquezes de Penafiel e Castello Melhor, representantes da familia real, e os ministros srs. Augusto Castilho, Campos Henriques e Ferreira do Amaral—A procissão a caminho da Sé: Os priores das freguezias da diocese paramentados.



O cortejo procissional da Magdalena para a Sé:
O pairacha debaixo do palto
(CLICHÉS DE BENOLIEL)



*Dr. Joaquim Martins Pontes, secretario
do novo patriarcha*

(CLICHÉ DA PHOT. J. NOVAES)

*Padre Bernardo Antonio Cabrita, capellão
do novo patriarcha*

(CLICHÉ DA PHOT. J. NOVAES)

pela curiosidade de gosar um espectáculo altamente decorativo.

Na Sé, o prelado, depois de ter recebido no solio os testemunhos de obediencia dos capitulares, pronuncia o seu discurso de saudação, que começa por uma invocação de paz, commumente usada na linguagem christã. «A paz do Senhor seja comvosco!» é esse o primeiro desejo que o novo pastor invoca em favor do seu rebanho. Em seguida, a sua oração é composta tambem de palavras doces e discretas de paz. Roga a

Deus pela igreja, pela patria e pelo rei, e a sua voz traduz uma intenção commovida e de fé sincera. Depois, o seu braço ergue-se e a mão lança a benção n'um gesto largo e generoso. A festa religiosa termina com a exposição da Eucharistia e o *Te-Deum laudamus*, executado no côro a musica vocal e instrumental.

Está terminada a cerimonia da posse solemne do novo patriarcha de Lisboa. A paz do Senhor seja com o seu rebanho, como elle pediu, e seja tambem com elle, como são os nossos votos.



De S. Vicente á Magdalena: O coche vermelho do patriarcha

(CLICHÉ DE BENOLIEL)

LETRAS

Alma pura

NO SEGUNDO ANNIVERSARIO DA MORTE
DE D. GUILHERMINA DA SILVA GRAÇA

*Não ha annos, Senhor, perante a infinidade
De uma dôr immortal. O tempo é relativo,
E a Memoria o supremo, o consagrado archivo,
Onde a tristeza guarda a funebre verdade.*

*Em toda esta jornada, aos ventos da inclemencia,
Nimbado de amargura, ondecia o hostil — motivo —
Que muda os corações em palpitante crivo,
Noute e dia infiltrando as gotas da Saudade.*

*Mas a Saudade cria a luminosa vida
Que vive a Pomba ideal, sem fim, resuscitada
Em vossa alma — que a vê — na crença enterrecida.*

*... Ah! Se a morte nos rouba ou Mãe, ou filha amada,
Toda a philosophia em lagrimas líquida,
E a Duvida renega as soluções do NADA!*

ANGELINA VIDAL.



D. Guilhermina da Silva
Graça

MADAME JULIETTE
ADAM. — Dos jornalistas e escriptores estrangeiros, que ultimamente nos teem visitado, uma personalidade que merece ser destacada é a de madame Juliette Adam, a notavel auctora de uma série de livros interessantes, conhecidos por quantos lidam em letras e em politica.

ROBERT WILTON.
— O sr. Wilton, que é, desde ha bastantes annos, o correspondente do *Times* em S. Petersburgo, e cuja ponderação de espirito e altas qualidades de jornalista se teem affirmado sempre com brilhante relevo, garantindo-lhe uma posição de excepcional merito e indiscutivel auctoridade na imprensa europea, foi o redactor que o grande jornal de Londres escolheu para enviar a Lisboa, confiando justamente na sua especial competencia. A fórma sensata, e ao mesmo tempo tão affectuosamente sympathica, como os assumptos de Portugal teem sido tratados pelo distincto jornalista tornam-nos particularmente credor da nossa estima e agradecimento.



Robert Wilton



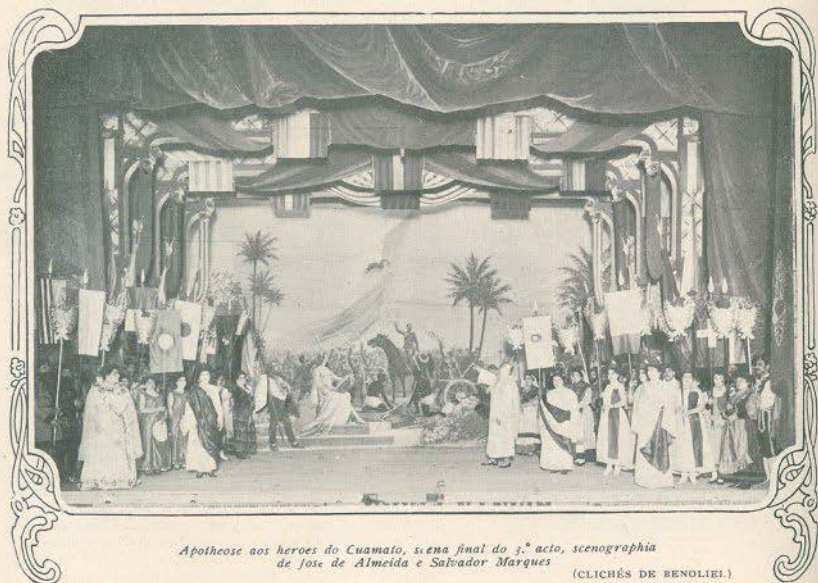
Juliette Adam

THEATRO

UMA REVISTA DE ACALMAÇÃO, «EM NOME DO PADRE...» DE CAMARA LIMA, NO THEATRO DA TRINDADE



Apotheose a D. João da Camara, scena final do 2.º acto, scenographia de José de Almeida e Salvador Marques



Apotheose aos heroes do Cuamató, scena final do 3.º acto, scenographia de José de Almeida e Salvador Marques

(CLICHÉS DE BENOLIEI.)



Cremilda de Oliveira, no papel de Memorias de uma actriz—Therеза de Mattos e actor Gomes, nos papeis de Gertrudes e Anjo da guarda—Arnaldo de Vasconcellos, Maria dos Santos e Carlos Vianna nos papeis de Pschut, Smart e Vlan—Emilia de Oliveira no Carnet Mondain
(CLICHÉS DA PHOT. FERNANDES.)

VERSOS DE TANGER

*Abril cheiroso e em flor... De rosa e branco
Vestem agora todos os pomares.
Sello o cavallo, montto e a frete franco
Corro Bulâna, ataihus e aduares.*

*Lirios azues — os ultimos — a graça,
A gloria d'estes campos e planuras,
Florescem d'entre a herva verde escassa,
Raza, que todo o inverno foi secunas.*

*Sempre verde e rasteiro, a folha espalma
Por todo o campo em tufos luzidos,
Esse «chaémeyops humilits», a palma
Que têm buscar os barcos algarzios.*

*Por toda a parte, em campos e vallados,
Valles e montes, raza com o chão,
Estende os curtos braços espalmados;
E' a característica da região.*

*Campo ondulado em montes e collinas,
Florioado em branco d'urze e jára em flor...
Galopo á chiva e ao sol pelas campinas,
Passo os desfildeiros d'Andahagôr.*

*Tristes os sons plangentes, prolongados,
Das «ghâllas» mouras e o nervoso e baço
Rumor dos surdos tamboris, rufados
Horas e horas com possante braço.*

*Estridula, vibrante, a gritaria
D'essas mulheres, louge, n'uma encosta.
Saltando «yu-yús» agudas d'alegria,
Os «yu-yús» de que o meu ouvido gosta.*

*Sempre me agradam, barbaros, a mim,
Esses «yu-yús» moruões e berberes,
Os «yu-yús» repetidos e sem fim
Das vozes muito agudas das mulheres.*

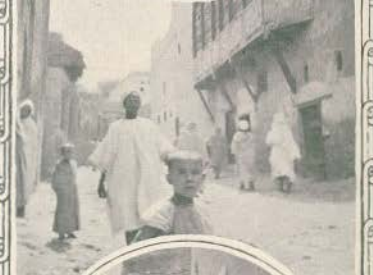
*Amo o que lembra as primitivas gentes,
As vozes imitando o vento e o arvoio.
Amo os «yu-yús» continuos, estridentes,
Tremidos como o silvo d'um comboio.*

*Passam pobres mulheres, carregadas
Como jumentos, mais do que um jumento.
Caminham lentas, tremulas, vergadas,
N'uma dura expressão de sofrimento.*

*Como corcundas levam sobre o dorso
Montes de lenha, feixes de cevada.
Vão oscillando e com um grande esforço
Arrastando-se curvas pela estrada.*

*Sobre as costas carregam-lhes sem peia,
Montes de lenha, feixes colossaes:
Vae-lhes do fardo á testa uma correia
Sobre que puxam, quasi horizontaes.*

*Sobre mais duas cordas que lhes vem
A's mãos nos hombros puxam com amarga
Resignação cansada... Ellas são bem,
As mulheres aqui, bestas de carga.*





*Corto a chorneca, a galopar... As jãros,
— Que são a nossa esteira — os medronheiros,
As preciosas urzes brancas raras,
Fazem aléus naturoes, carreiros,*

*E alomedas de parque, sinuosas,
Sem avcores, que o mouro tudo arranca,
Mas d'arbustos e de hervas caprichosas,
E areadas d'areia fina e branca.*



*Corto a chorneca em flor toda de jára,
Corto a chorneca, a galopar, direito
Ao Espartel, ao Cabo que separa
O grande e livre Atlantico do Estreito.*

*A espaços chove... O sol volta um momento...
Ao longe a grande voz o mar afina...
E sigo a galopar... Fincina ao vento
Do meu nobre cavallo a larga crina.*

*Cruzo tres montanhezes do Raissul',
«Djellabas» curtas, pannos arrogantes,
E carabuias cujo fóro azul
Poem na cabeça, a laia de turbantes.*

*Para o «Negranis» levantaram olhos
Que certo não diziam: «Boas tardes!»
Mas logo se arredaram nos abrolhos...
Todos os mouros são muito cobardes.*

*Branco d'espuma vai o meu cavallo,
A passo, mas brincando, fofe e cheio,
Muito nervoso, custa-me aquietal-o,
E levanta a cabeça e agita o freio.*

*Espirra, pelas ventas deita fumo;
Alça a nobre cabeça, fina e bella,
E a passo cadenciado, bem a prumo,
Sacode a tilintar freio e barbela.*

*Passa um mouro montado no seu macho
«Mulo» dizem aqui — moço importante
Bella «djellaba» azul e por debaixo
Do «haik» e do capuz, grande turbante,*

*Sobre a alta sella mouro escarranchado,
Baixa a ponta do pé, curto estribando,
Levando a mão direita á frente e ao lado,
Com um grande «salâm» me vai sandando.*

*Precedem tres creados — pé ligeiro —
Do forte mulo o bom passo travado,
Mas outro, preferido ou mais arteiro,
A' cauda do animal vai agarrado.*

*Sempre o costume aqui e inda agora é:
Todo o «caid» traz assim, quando a cavallo,
Um negro ou «askri», um soldado a pé
Que assim seguro pode acompanhá-lo.*

*Tomei a estrada curva e pedregosa,
Florida de jardins, do lindo monte,
Quantas flores! Que vista deliciosa!
O nobre mar e a muza no horizonte.*

*Quantas «villás» tão brancas entre o verde
Escuro da folhagem dos pinheiros.
Quanto amor por aqui se esconde e perde!...
Cantam agora os rouxinões primeiros.*





*E em metálicas notas, descarados,
Namoram-se, nervosos, elegantes,
Os melros e as melras nos vallados,
Com vôos bruscos, silvos petulantes.*

*As lindas madresilvas já voltaram
— Onde as verás agora, ó meu amor?! —
E todos os vallados enfeitaram
Da minha doce e preferida flor...*

*Ao tiro que espantou o meu cavallo
Seguiram muitos mais. . . Muito nervoso
Quiz fugir, empinou-se... A segural-o
Custou-me — o meu «Lucero» é caprichoso.*

*E odeia sempre a musica mourisca,
O tambor surdo e as notas muito finas
Da «gháta» moura, a ruvida fátisca
E as descargas brutais das carabinas:*

*Tudo o que traz do mouro o casamento
Que junto a nós, na curva d'essa estrada
Passando vai, com grande seguimento,
Tiros vermelhos, densa fumarada.*

*Vai e a noite, ou por ella um rapazinho,
Fechada n'uma especie de guarita
Que levam sobre um macho ou um burrinho
Cingido de bordados e de fita.*

*Chego a Tanger noitinha, quasi á hora
Em que bradam do alto das mesquitas,
Que um só Deus existe e um só adora
Todo o Moghréb — as tribus infinitas...*

*Como é sandoso este morrer do dia,
E como é triste a voz do muezzin,
Que saudade e que pranto que desfia,
Como me attrista e me commove, a mim!*

*Decerto ha um só Deus, um só que vejo
Em tudo o que me vai no coração.
Deus é o Amor, Deus o primeiro beijo
— Lembras-te d'essa tarde de verão?...*

*Deus é tudo o que é bello e que tem alma,
Tudo o que soffre e gosa, todo o amor.
Deus é a noite silenciosa e calma,
Deus é o lirio e a macieira em flor!*

*Deus é essa voz tão triste e mysteriosa
Que se prolonga sobre todo o Islão.
Ao sol alegre, á noite silenciosa,
Por toda a terra, ás horas d'oração.*

*Deus são os céus, e Deus é o verdade,
Deus é a belleza, Deus é o sentimento,
Deus a amargura, Deus é a saudade.
Os rythmos, a harmonia, o soffrimento.*

*Deus é o raio de sol que as nuvens giba,
Deus é o rouxinol, Deus o pinheiro,
Deus é o melro, Deus a madresilva,
Deus é o mar que gene sobranceiro.*

*Deus é o Amor, e deuses dois amantes,
Deus é essa longe e pallida cantiga...
E Deus são os teus olhos scintillantes,
Minha formosa e perfida inimiga!*

Tanger — Abril — 1907.

MARTINHO DE BREDERODE.



COMO NÓS VENCEMOS NO CUAMATO.

(Continuado do n.
106)

VII

A marcha de 13

Os preparativos para a partida começaram logo ao raiar da aurora e pelas 5 horas e meia estava tudo pronto a seguir.

A's 6 horas já a columna ia a caminho, com a mesma formação dos dias anteriores. Os pelotões da frente marchavam de costado para mais facilmente passarem por entre o matto, sendo necessario parar de tempo a tempo para os sapadores abrirem caminho, derrubando algumas arvores.

Passou-se uma grande *chana* coberta de alto *capim* e em cuja orla havia algumas *fi-lhas*, que em breve os auxiliares incendiavam. Ao longe já se ouvia o sinistro som da *cua*. Em seguida a columna



Capitão Montez, comandante do grupo de esquadras

(CLICHÉ DA PHOT. LUZITANA)

chegou a uma faixa de matto, que a separava d'um *arimo*, e ahí os sapadores começaram de novo a sua faina de limpar a estrada por onde devíamos seguir. Porém, mal não tinham principiado a sua ardua tarefa, ouvem-se duas detonações e logo prostrados por terra cahem dois degredados. Houve quem dissesse que os tiros eram destinados ao capitão Roçadas e ao guia Calipallula. Era talvez uma cilada, armada pelos Cuamatos para assim, d'um só golpe, aniquilar o commandante dos brancos e aquelle negro da sua raça que os atraíam, ensinando o caminho aos portuguezes.

Estes tiros foram como que o signal para a lucta, e logo após elles, de todos os lados rompe intenso tiroteio. O inimigo cercanos completamente alvejando-nos com pesado fogo e correndo a um lado e outro pro-



A face da frente na chegada ao Damequero

(PHOT. TIRADA DEBAIXO DE FOGO)

cura incidir nos pontos que se lhe afiguram mais fracos ou nos vultos que vê mais elevados. A columna, já então formada em quadrado, faz alto, e a infantaria rompe as suas descargas disciplinadas, que o bombardeamento da artilheria secunda eficazmente. E' grande a vozeria do gentio cheia de injurias e ameaças, que se ouve por entre as selvas; o fogo redobra de intensidade. Mas os nossos não desanimam; serenamente e com a maior ordem vão repellindo os ataques dos nossos adversarios, cuja audacia pouco a pouco diminue. De repente ouve-se um toque, é o de— cessar fogo!

Obedecendo á vontade unica do chefe todas as espingardas da columna se calam como por encanto. Reina um pesado silencio dentro do quadrado — o silencio de expectativa, da ansiedade. Fóra, o clamor dos negros continúa e o tiroteio recomeça aceso e até augmenta por julgarem talvez desalento nos nossos.

Mas já o corneta d'ordens toca a— avançar! Que bello momento! A alegria pinta-se em todos os rostos. Empolga-nos um desejo feroz de ferir,

de matar! Uma sêde de sangue, do sangue d'esses bandidos negros, como que nos secca a garganta e cada um de nós se sente impulsionado para a frente por uma força sobrenatural.

Pomo-nos em marcha e ahi vamos, por baixo d'esse chuva de balas a caminho da gloria, guiados pelo nosso intrepido commandante. Que en-



Tchamunde: acampamento nas cacimbas



As cacimbas de Tchamunde



thusiasmo e que delírio!

Pouco se caminhou ainda e já de novo o fogo aperta; de novo fazemos alto. As forças ajoelham e mais uma vez as suas descargas repellem o inimigo. A paragem pouco dura pois logo se repetem os mesmos toques — Cessar fogo! Avançar!

E ahí continuamos nós essa marcha memorável; no paroxismo da lucta cada soldado é um heroe capaz dos maiores sacrificios e capaz das maiores atrocidades. No acceso da peleja o mais pacifico homem torna-se na mais cruel das feras; o seu sanguinario desejo de vingança e o seu odio implacavel ao inimigo não conhecem limites! Assim vamos caminhando durante trez grandes horas, parando para bombardear o matto e logo pon-

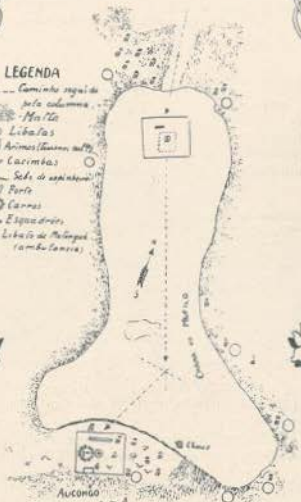
do-nos novamente em marcha — avançando sempre!

Chega um momento em que da orla direita do matto, a que vamos encostando, o fogo attinge o maximo; mas logo a ala direita carrega embrenhando-se pelo matagal, e os gritos dos europeus misturando-se com o cantico dos *landins* rapidamente põem os pretos em fuga.

No emtanto o fogo não fraqueja e já vamos tendo bastantes baixas. Devem ser nove e meia da manhã. Conversiona-se então sobre a direita para nos dirigirmos para um grande *arimo* onde se avistam *libatas* e onde dizem haver agua. A resistencia que d'esse lado os pretos nos oppõem é desesperada. Apesar d'isso a companhia de marinha n'um assalto rapido e resolutivo

LEGENDA

- Caminho seguido pela columna
- Malta
- Libatas
- ∩ Arimas (Armas de ferro)
- ∨ Cacimbos
- Seda de aspidochelone
- Porto
- Casas
- Esguadarias
- Libatis de Matagal (Armas de ferro)



Marcha para o Damequéro: Companhia de guerra. (PHOT. TIRADA DEBAIXO DE FOGO)

—Schema da marcha de 28 de agosto de 1907

—A companhia de infantaria n.º 12 na face da frente. (PHOT. TIRADA DEBAIXO DE FOGO)



Marcha para o Damequéro: auxiliares e marinha

conquista aquella posição, fazendo com que o inimigo atterrado fuja em debandada para o matto, e as *cubatas*, que ficam desertas, em breve são presa das chammas. E' extraordinario o effeito moral que teem sobre os indigenas estas cargas, em que muita vez nem se chega a armar bayoneta. Os mais valentes d'entre elles fazem meia volta e fogem. Os inimigos com quem temos que nos defrontar n'estas campanhas

cavando o seu entrincheiramento, apesar da intensidade do fogo inimigo, que não affrouxava.

Parte da força avançou um pouco protegendo com algumas descargas o trabalho do resto da gente que, com uma boa vontade incansavel, apesar da enorme dureza do terreno e da escassez de picaretas, procurava accelerar a construcção dos abrigos.

O inimigo escondido dentro d'umas libatas, e atraz dos morros de salalé não se cessava de

lumna occupou o arimo do Damequéro.

As faces da frente e lateraes rapidamente tomaram as suas posições, seguindo-se-lhes a face da rectaguarda, depois d'uma breve hesitação na rectificação do alinhamento, e logo todas começaram



Marcha para o Damequéro: o estado maior na face da frente

estão armados de *azagaias* e *porrinhos* que aprendem a manejar desde a infancia. Estas armas são muitas vezes excellentes, o que, junto com a agilidade dos guerreiros, pareceria fazer perder á infantaria regular, no combate corpo a corpo, todas as vantagens da superioridade do seu armamento. Contudo, está provado que as cargas de infantaria teem quasi sempre feliz exito, e n'esta campanha d'isso tivemos mais uma vez confirmação. Muitas vezes, quasi sempre mesmo, o inimigo nem chega a espera-las, debandando assim que começa o clamor dos nossos soldados. Quando muito alguns mais arrojados podem fazer pagar caro a sua vida ou qualquer grupo isolado offerecer uma resistencia desesperada, mas estes esforços separados são inúteis e não prejudicam o successo do movimento. Já havia perto de seis horas que caminhavamos de baixo d'aquella saraivada de balas, quando a co-

nos incommodar e, depois do entrincheiramento feito, espreitava-nos dos seus esconderijos e logo que uma cabeça apparecia fóra da trincheira, trez ou quatro balas lhe assobiavam perto e ás vezes com triste successo.

Ainda me lembro, que o sargento Affonso da 16.ª «jurára pela pelle» a um d'estes «atiradores escolhidos» e desprezando as balas e as advertencias dos camaradas, esteve de pé, procurando alvejar-o, até que por fim ouvimo-lo exclamar:

— Custou, mas deitei-o abaixo! e re-



Um aspecto da columna
(PHOTOGRAPHIAS TIRADAS DEBAIXO DE FOGO)



Damaquero: A ambulancia depois da marcha de 13 de setembro

colheu tranquillamente á sua trincheira.

Como este singelo acto de valor e abnegação, dá bem idéa da coragem dos nossos soldados!

O fogo prolongou-se, embora cessando de quando em quando por curtos espaços de tempo, até proximo das 5 horas da tarde.

O tenente Silva Nunes foi com as suas praças queimar uma *libata* que ficava do lado da face esquerda e n'esta, como nas outras que primeiro haviam sido destruidas se encontraram vestigios de terem sido abandonadas precipitadamente, achando-se n'ellas gallinhas, *massambala*, feijão, *mussoro*, (1) etc.

(1) Bebida fermentada.

Dentro do quadrado ficavam bastantes *cacimbas*, que logo se tratou de profundar. Além d'este serviço, os sapadores, auxiliados pelas restantes praças, occuparam-se no resto da tarde em limpar o campo de tiro.

Mais tarde ainda, os cuamatós, para não perderem o costume, vieram fazer mais alguns tiros na direita, a que não se respondeu.

Muitos disseram, e talvez com razão, que este combate foi o maior e mais decisivo de toda a campanha. O inimigo, embora parecesse em numero um pouco menor que no Mufilo, era ainda muito numeroso e trazendo grande quantidade d'armas finas.

A victoria alcançou-se com brilho, que nos deixou entusiasmados porque o gentio resistiu loucamente, procurando por todos os meios entrar a nossa marcha, e só perante o terror, que lhe causava a chuva mortifera das granadas que a artilheria lhe arremecava e a coragem denodada dos nossos soldados que intemeratos corriam a rechaçal-os das suas posições, se resolveu a ir-nos cedendo terreno, internando-se finalmente pelo matto.

Mas, como todas as outras, esta gloria das armas portuguezas custou-nos a perda d'alguns bons camaradas. No meio d'alegria da victoria ha sempre, a manchal-a de tristeza, o aspecto cruciante da ambulancia, com aquelles que são já cadaveres e com aquelles que não estão longe de o ser. E d'esta vez 17 ficaram feridos e 8 morreram, mas talvez, ao menos, tenham tido



As cacimbas de Damaquero



no ultimo arranco da agonia, a ventura de ouvirem soar as notas victoriosas do toque de — avançar!

Prisioneira de guerra

Todo o dia seguinte á chegada ao Damequero, foi empregado limpando o campo de tiro.

Este trabalho foi penoso e demorado porque só uma das faces do bivaque, a esquerda, era desimpedida, visto ficar na orla d'uma *chana*. Nas outras o matto era bastante denso e as arvores, na sua maioria *mutiati*, levavam muito tempo a abater devido á rizeja da madeira.

Em todo o caso as praças, tanto brancas como indigenas, trabalhavam activamente e possuidos da melhor vontade.

Alguns soldados, escapando-se do acampamento, foram ás *libatas* mais proximas roubar gallinhas, trazendo bastantes com que prepararam excellentes canjas.

Pouco depois do meio dia houve um grande movimento no bivaque vendo-se muita gente a correr para a face do lado da *chana*. Erão os auxiliares, que tendo sahido para queimar *libatas* traziam uma prisioneira, encontrada durante a *razzia*. Era uma pobre



Um comboio de víveres
no Aucongo (17 de setembro)
— O, 2.º tenente
da armada Jayme Nunes, commandante da bateria
de metralhadoras

velha que tinha sido abandonada pelos cuamatos por não poder andar e que para chegar até ao acampamento foi preciso ser transportada pelos auxiliares pretos. Tremia de medo, a fazer dó. O seu terror era tanto que quasi não podia fallar e vinha morta de sede. Logo se lhe deu agua, que ella bebeu com uma satisfação enorme, ficando mais animada. As informações que deu foram pouco concludentes; em todo o caso disse:

«Que nos combates do Mu-filo e dia 4, tinham tido grande numero de baixas e, o effeito moral sobre o gentio tinha sido enorme. O sóba commandára em pessoa a sua gente nos dias 2 e 4 de setembro e os *cuanhomas* tinham prestado grande auxilio no Mu-filo. Porém o que mais os impressionára fôra a nossa marcha para o Damequero, pois muito se admiraram de continuarmos sempre caminhando apezar do grande numero de homens que as balas inimigas prostravam feridos ou mortos; diziam elles que os brancos até depois de cahirem mortos, se levantam e continuam a andar.

A pobre velha foi, na tarde seguinte, mandada em paz, depois de se lhe ter dado de comer e uma manta, ven-



Damequero: auxiliares que chegam de novo



Simulacro de guerra

pelos auxiliares

do-se os auxiliares de novo obrigados a levar-a ao collo por ella não ter forças para andar.

Esta maneira de tratar os prisioneiros que o nosso commandante adoptou durante toda a campanha, foi uma das causas que concorreu para a rápida pacificação do Cuamato.

A proposito, lembra-nos as palavras de um dos nossos mais illustres almirantes, n'um livro recentemente publicado, em que, fallando da guerra do Transvaal, depois de ter attribuido principalmente a pacificação do paiz á generosidade dos inglezes, diz: «... se o procedimento da Inglaterra tivesse sido contrario, difficilmente esta conseguiria uma paz estavel na Africa do Sul; nunca obteria, pela perpetuação dos meios violentos, que o tributo de guerra fosse pago pelos boers», e mais adiante: «o governo inglez entendeu, e muito bem, que dominar n'um paiz em que o povo é inimigo, não vale as despesas da soberania; e que mais serve, portanto, aos interesses dos soberanos fazer amigos do que alimentar odios e agravar incompatibilidades...»

Na campanha do Cuamato teve se mais uma prova da verdade d'estes principios. O modo generoso porque os prisioneiros foram tratados, abreviou de muito a conclusão das operações, e fez mais tarde com que os nossos adversarios dissessem — que se soubessem que o branco era tão bom, não teriam feito a guerra.

Defeza do bivaque em 15 de setembro

A's 5 horas e 20 minutos da manhã de 15 partia em direcção ao Forte Roçadas um comboio de 15 carros boers, sendo quatro com feridos e indo os restantes vazios. A escolta do comboio ia formada do seguinte modo: á frente um pelotão da companhia de marinha; faces da direita e esquerda, respectivamente 1.ª Europeia e 10.ª de Moçambique; guarda da retaguarda, um pelotão de marinha; no angulo direito da frente e no diagonalmente opposto, as peças da 1.ª secção Canet, o 3.ª pelotão da marinha ia de reserva no interior do quadrado no centro do qual marchavam os carros.

Commandava o 1.ª tenente da armada Victor de Sepulveda.

Não muito tempo depois da sua partida, appareceram na orla do matto alguns grupos de gente do lado da *chama*, mas que não nos hostilizaram. Sahiu então, pela retaguarda, o 2.ª esquadrão que, internando-se pelo matto deu uma volta pelo acampamento, queimando algumas *libalas*. Não se poudo, porém, afastar muito por causa da grande densidade do matto, que, além d'isso, estava cheio de negros.

Continuou-se durante o dia, bem como nos seguintes, com o trabalho de desobstrução do campo de tiro e tambem melhorando as *cacimbas*.

(Continua.)

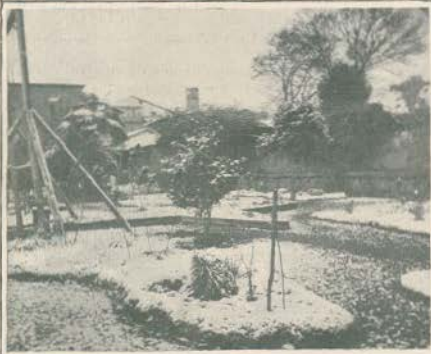
ALVARO PENALVA.



A 1.ª companhia europeia, fazendo parte da escolta d'um comboio

(CLICHÉS DO SR. ALFERES VELLOSO)

FIGURAS E FACTOS



Grupo de tennistas da Madeira
que ganharam o desafio proposto
ao grupo de Lisboa que foi
ao Funchal

(CLICHÉ DO SR. DR. CARLOS BIANCHI)

O nevão em Vizeu no dia
2 de março

(CLICHÉS DO SR. FRANCISCO DE ALBERGARIA)



PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

**ENXAQUECAS
FALTA DE APPETITE**

A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris.

Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianna e Sobrinho (Thomar), Penelope Gaeal d' Bormio (Louza), Valle Bator (Albergaria a Velha).

Instaladas para uma producao annual de cinco milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Papel do Prado

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricacoes especiais de qualquer qualidade do papel de machina continua ou ***** redonda e de forma *****

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51



Ender. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO—PORTO—LISBOA Numero telephonico: 508



Parfumerie

AZUREA
L.T. PIVET - PARIS

Capas para enca- dernação

Acham-se á venda bonitas capas em percalina para a encadernação do IV volume da «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA». Satisfazem-se promptamente todos os pedidos acompanhados da importancia respectiva, que é apenas de 360 réis

Administração d' «O Seculo»

LISBOA

ESCRFULA :: CHLORO-ANEMIA
Authenticas de Paris

PILULAS DE BLANCARD
Exigir o verdadeiro Producto
(assinatura, etiqueta verde, e endereço)

KAROPE DE BLANCARD
40, Rue Bonaparte, PARIS (FRANCE)

LYMPHATISMO :: DEBILIDADE

NOUVEAU PARFUM
PRINCEIA VIOLET
29, B^{is} des Italiens, PARIS



Piolet
SABÃO REAL
de
THRIDACE
PARIS Sabão "Viloutine"
Grande phlébreux à Hygiene de Pele e Aliviar do Baço.

Gaston Lot
PROTHESE DENTARIA
EXTRACÇÃO de dentes sem dor desde 360 rs.
Colocação de dentes desde 1.500 réis.
Consultorio oirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.
(Ao Calhariz)
TELEPHONE 1:882

PENSIONISTA
ALFRED MERTIG
Professor de physica da Escola Polytechnica
Mittveida (Saxonia)

SEIOS
Desenvolvidos. Reconstituídos. Alimentados. Fortificados com as
"Pilules Orientales"
O unico producto que em dois meses assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar dano algum á saúde. — Aprovado pelas notabilidades medicas.
J. Ratié, Pharmacia, 5, passage Verdun, Paris.
Frasco com instruções réis 1.500
Venda, para valle do correo enviado a J. P. Dantas & C^o, Rua Augusta, Lisboa.

“Michelin”

DIMINUIU OS PREÇOS DOS SEUS
PRODUCTOS

“Michelin”

em janeiro

MAS MANTEM SEMPRE AS SUAS
QUALIDADES

DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:

Oliveira & C.^a—Avenida Navarro, Coimbra.
 Albert Beauvalet & C.^a —Praça dos Restauradores (Avenida da Liberdade), Lisboa.
 A. Black & C.^a —30, R. da Boa Vista, 32, Lisboa.
 Laurencel & Oliveira —86, Avenida D. Amélia, Lisboa.
 Ricardo O'Neill—Rua do Alecrim, 10, 3.^a, Lisboa.
 Sociedade Portuguesa de Automoveis Lt.^{da}—Rua Alexandre Herculano, Lisboa.
 Eduardo Plácido & C.^a—Rua d'Assumpção, 58, 2.^a, Lisboa.

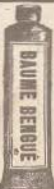
Central Motor Store & Garage—103, Rua de S. José, Lisboa.
 Teixeira & Irmão—11, Poço do Borratem, Lisboa.
 Casal Irmãos & C.^a —14, Rua de D. Carlos, 84, 1.^a, Porto.
 Teixeira & Irmão—153, Rua de Sá da Bandeira, 157, Porto.
 Empreza Portuense de Automoveis, Ltd.—24, Rua da Liberdade, 48, Porto.
 João Garrido—16, Rua de Passos Manoel, 20, Porto.

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



François RICHARD

Cabellereiro e fabricante de penteados
 57, Rue Cambon, 57
 (Angulo de Boulevard de Magdalen)
 PARIS

Para bem se pentear a si mesmo, é preciso vir experimentar os penteados acusticos ou enviar uma amostra dos cabelos explicando o genero de penteado que se deseja, pois que obtemos assim um bello penteado em frizado natural e indoleivel.
 Tintura indoleiva em todas as cores
 Deposito da agua Mena contra a queda dos cabelos

O DIA DE AMANHÃ

Lêr o que segue é caminhar para a felicidade.

Acautelar o nosso futuro, o de nossa mulher e, o que é mais ainda, o dos nossos filhos, tal é a missão que incumbe a todo o homem que constitue familia e nutre por ella o sentimento do amor.

Porque esse sentimento não é só apanagio dos ricos e remediados, mais necessário e urgente se torna que as classes trabalhadoras encarem o assumpto com a maxima attenção.

Geralmente, o que nos assusta e provoca cuidados apresenta-se á nossa vista como um espectro o phantasma que nos apavora. Fugimos de pensar em tudo que possa trazer ao nosso espirito a idéa da morte e assim é que, a maior parte das vezes, não cuidamos de acautellar o futuro, servindo-nos, para desculpar o nosso erro, de aforismos varios, como se assim dessemos aos outros, e a nós mesmo, uma satisfação completa do nosso proceder.

Porque não havemos, com o nosso pouco, de nos armar contra a fatalidade?

Se ella nos poupar, tanto melhor: se nos perseguir, encontrar-nos ha, se não completamente precavidos para a combater, ao menos amparados para não succumbir ao seu primeiro embate. E os nossos filhos? Temos acaso o direito de querer que elles morram conosco?

Decerto que não, mas o que não devemos tambem é querer que esse grande ou pequeno bem estar que o nosso braço lhes proporciona se extinga com a nossa existencia.

Nem só os ricos teem direito a testar nos seus herdeiros. Os pobres teem tambem que legar e bastante. Com a diligencia, porém, que legam aos outros o duro encargo de acudir a miseria dos que lhes sobrevivem!

A garantia da subsistencia no futuro, mesmo para os mais desiludidos e descrentes da sorte, está quasi sempre n'um pequeno nada, no que muitas vezes olhamos com indifferença, no que nos parece frivolo e insignificante.

Quantas fortunas de grandes millionarios, que vivem por esta mundo fóra, não foram iniciadas com pequenas migalhas!

Quem, pois, reflectindo bem n'isto, e tendo a certeza de obter uma recompensa, que poderá ser esse inicio d'uma fortuna, hesprezará, em boa consciencia, o que o *Seculo*, a *Illustração Portugueza* e o *Supplemento Humorístico* estão offerecendo aos seus leitores?

Esses «coupons», que, pela sua configuração pouco ou nada dizem, mas que valem ouro, pois bastará colleccionar quatrocentos para, como se sabe, ter-se um premio **garantido**.

Os paes, as mães, os filhos, os pobres e os ricos, os poucos e os adultos, os sãos e os enfermos, todos devem, portanto ponderar bem n'isto que encerra uma grande verdade:

«Guarda o que não queres e achard's o que precisas.»

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, Rue Vignon—Paris